

Módulos de Formação obrigatórios

Tronco Comum

- FOR 0001 PLANO INDIVIDUAL DE
FORMAÇÃO
ANI 1001 DINÂMICA DE GRUPOS
ANI 1002 OS JOVENS DE HOJE
ANI 1003 COMUNICAÇÃO EFICAZ
ESO 1004 ADULTOS NO ESCUTISMO
ESO 1005 PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS
DO ESCUTISMO
ESO 1006 DESENVOLVIMENTO
ESPIRITUAL
ESO 1007 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO
DO MOVIMENTO ESCUTISTA
ESO 1008 HISTÓRIA DO MOVIMENTO
ESCUTISTA
ESO 1009 ESCUTISMO NA COMUNIDADE
GES 1010 GESTÃO DE UM AGRUPAMENTO DE
ESCUTEIROS
GES 1011 SEGURANÇA E SEGURO
ESCUTISTA
GES 1012 FINANCIAMENTO 1

Formação Específica Curso de Aprofundamento Pedagógico

(Um ou outra dos quatro módulos seguintes)

- ANI 1021 OS JOVENS DOS 6 AOS 10 ANOS
ANI 1022 OS JOVENS DOS 10 AOS 14 ANOS
ANI 1023 OS JOVENS DOS 14 AOS 17 ANOS
ANI 1024 OS JOVENS DOS 17 AOS 21 ANOS

ANI 1026 PROGRAMA EDUCATIVO 1
ANI 2026 PROGRAMA EDUCATIVO 2
ANI 3026 PROGRAMA EDUCATIVO 3
ANI 1027 A RELAÇÃO EDUCATIVA
ADULTO/JOVEM
TEC 1028 O JOGO NO ESCUTISMO
TEC 1029 PEDAGOGIA DAS TÉCNICAS
TEC 1030 ACAMPAMENTOS E ACTIVIDADES
DE AR LIVRE

Formação Específica Curso de Animação Local

- ANI 1041 ANIMAÇÃO DE ADULTOS
GES 1042 GESTÃO DOS RECURSOS ADULTOS
GES 1043 RECRUTAMENTO DE ADULTOS
GES 1044 GESTÃO FINANCEIRA
GES 1045 GESTÃO DA INFORMAÇÃO
GES 2012 FINANCIAMENTO 2
TEC 1046 COMO CONDUZIR UMA REUNIÃO
TEC 1047 RECRUTAMENTO E ACOLHIMENTO
DE JOVENS

Formação Modular

OS JOVENS DE HOJE

ANI 1002

**Primeira edição
Setembro de 2001**



**Centro de Formação de Dirigentes do C.N.E.
Vale da Ursa - Serpins
Região de Coimbra**

OS JOVENS DE HOJE

Objectivo geral

Lançar um olhar sobre o conjunto dos jovens de hoje e compreender a sua primordial importância no escutismo.

Objectivos específicos

1. Analisar o “público-alvo” no qual se recrutam os escuteiros.
2. Explicar o impacto de certos fenómenos universais da juventude.
3. Conhecer as características do ambiente social no qual vivem os jovens.
4. Conhecer as características da situação das crianças em Portugal nos anos 90.
5. Estar em condições de suscitar uma discussão sobre os valores dos jovens.
6. Compreender o significado concreto de um escutismo aberto a todos.

Conteúdos

Introdução

«O Movimento escutista é um movimento educativo para os jovens...». Este extracto do artigo 1.1 da Constituição mundial da Organização mundial do Movimento escutista (OMME) é fundamental. «...para os jovens» relembra que todos os programas concebidos pelo Movimento escutista aos diversos níveis da sua estrutura não têm outro objectivo que não seja a de favorecer a prosequção dos objectivos do escutismo *junto dos jovens*. Ainda que possa parecer evidente, os adultos no escutismo não são os jovens. Os adultos estão presentes, diz-nos contudo a Constituição mundial, para «aconselhar» os jovens (artigo 3).

É importante esclarecer o que foi dito acima, visto que alguns adultos empenhados no escutismo acreditam que este lhes deveria oferecer programas de actividades idênticos aos que o Movimento propõe aos jovens. Acreditamos que todos aspiram à juventude eterna (ou guardam a nostalgia da sua própria ju-

ventude), mas virá o tempo – a idade adulta – aonde a pessoa retransmite aquilo que aprendeu e se forma com o objectivo de desempenhar o melhor possível as suas responsabilidades. No escutismo, as responsabilidades do adulto dizem sempre respeito aos jovens, directa ou indirectamente.

Ainda que existam adultos que não intervêm directamente junto dos jovens no Movimento. São os responsáveis de adultos, os gestores, os permanentes... O seu contributo é importante para que se possa apoiar e melhorar o Programa educativo.

2. A idade dos jovens

Quem são os jovens? É bom falar dos jovens, mas de que faixa etária se fala concretamente? A resposta não é simples. Em primeiro lugar a Organização mundial do Movimento escutista não fixa a idade para o acesso ao escutismo, nem tão pouco, define as idades das diferentes secções. As organizações escutistas nacionais têm toda liberdade para estabelecer a sua estratégia nesse domínio em virtude de diversos critérios.

«Desde a sua origem, o escutismo é um jogo destinado aos rapazes de 12 a 17 anos exclusivamente e não existia qualquer tipo de proposta para os mais jovens ou mais velhos. De seguida foram introduzidos os Lobitos, os Caminheiros, os Pioneiros, os pré-Lobitos. Contudo, é praticado de uma forma diferente segundo o País e duas associações de um mesmo País utilizam por vezes estruturas diferentes.»¹

Esta questão da idade tem contudo uma grande importância, não somente para se saber a que jovens se dirige o escutismo mas também para elaborar uma programação eficaz em função das necessidades e dos interesses semelhantes. E ele é tão mais importante que o termo «jovens» na nossa sociedade que acaba por designar uma vasta categoria da população.

Uma categoria muito vasta

Os jovens tornaram-se com efeito, cada vez mais velhos... e cada vez mais jovens no universo estatístico. Quando os estatísticos, os sociólogos, os economistas ou os políticos falam da juventude, não evocam todos forçosamente a mesma faixa etária. Por vezes são os 15-20 anos, outras vezes os 15-25 anos, às vezes os 20-30 anos, quando não são os 18-30 ou os 15-35... Uma coisa a reter, na juventude de que se fala inclui muito raramente os menores de 15 anos, ou seja as crianças.

A juventude é assim uma categoria etária, muito vasta, que está longe de constituir uma categoria homogênea.

Jovens ou crianças?

O termo «criança» faz a sua reaparição em alguns dos manuais pedagógicos publicados pela Associação. A reabilitação deste termo tem a vantagem de relembrar aos adultos que têm à sua responsabilidade «menores» em pleno crescimento, mesmo que as suas capacidades sejam limitadas ainda que o seu envolvimento não pare de aumentar.

Aliás será apropriado utilizar o termo «criança» porque ele corresponde com efeito à definição dada pela *Convenção dos direitos da criança* adoptada pelas Nações Unidas em 1989. Esta Convenção diz: «Nos termos da presente Convenção, criança é todo o ser humano menor de 18 anos, salvo se, nos termos da lei que lhe for aplicável, atingir a maioridade mais cedo.» (Artigo 1).

Desta forma não será errado afirmar que a maioria dos jovens que fazem parte do Corpo Nacional de Escutas são crianças.

A população-alvo do CNE

Qualquer que seja o termo utilizado, os jovens aos quais o CNE dirige o seu programa escutista situam-se no interior de uma camada etária bem limitada: 6 aos 22 anos. O limite inferior foi fixado aos 6 anos porque a Associação, considera que uma criança abaixo desta idade não têm ainda a capacidade de participar num programa escutista em conformidade com os princípios fundamentais do escutismo. O limite superior de 22 anos corresponde a uma idade que a Associação considera aquela que “marca” a chegada ao estado adulto; normalmente, nesta idade, o jovem é suficientemente desenvolvido para assumir plenamente as responsabilidades de adulto.

Se necessitarmos de designar com outros termos a população dos jovens visados pelo escutismo, poderemos dizer que o Corpo Nacional de Escutas se dirige a:

- A crianças (6-11 anos),
- A adolescentes (11-17 anos),
- A jovens adultos (17-21 anos).

3. Os jovens no mundo de hoje

Antes de esclarecer algumas características da população considerada, sublinhemos que:

- Os jovens estão longe de constituir uma categoria social homogénea,
- Após dezenas de milhares de anos, todos os jovens devem ter passado pelas mesmas fases de crescimento,
- Os jovens não constituem uma sub-espécie distinta da espécie humana.

Existe contudo um mundo entre a criança de 7 anos e um jovem adulto de 21 anos. Mas existe também um mundo entre os jovens de classes sociais, de idiomas, de níveis económicos e mesmo de religiões diferentes, sem falar das diferenças de sexo.

Contudo, os jovens são todos os “pequenos homens” segundo a expressão metafórica de Rudyard Kipling no seu *O Livro da Selva*. A criança ao nascer encontra-se na mesma fase que o recém-nascido da era pré-histórica: ele deve, contudo, aprender no decurso de um processo relativamente longo sob a vigilância e a proteção de um ou vários adultos. Existe deste modo uma interação constante entre os jovens em crescimento e o mundo dos adultos.

É sem dúvida a razão porque os sociólogos e outros ...logos identificaram um fenómeno «juventude» no decurso do século passado que nos leva a concluir que os jovens constituem grupo de categoria social distinta com todos os géneros de particularidades. Às vezes existe a sensação que o mundo dos jovens é um outro mundo, estranho, enigmático, como se tratasse de uma raça extraterrestre.

O adulto esquece então que foi outrora um jovem e que muitas das características atribuídas aos jovens sinais distintos se encontram em outras categorias da população. Os jovens são seres humanos antes de mais e cada jovem é um ser único enquanto pessoa.

Os jovens e o quadro social

Por definição, os jovens conhecem, na sua passagem da infância à idade adulta, alterações importantes aos níveis biológico, intelectual e emocional. Trata-se de uma transição da dependência em direção à autonomia.

“Para um jovem, crescer quer dizer escolher e decidir, desenvolver a sua capacidade de decisão face às situações, encontrar um sentido à sua vida, estar pronto a ultrapassar os desafios e a aceitar a mudança”².

Ao mesmo tempo, os jovens vivem nas sociedades em mudança:

- Em certos países, partes importantes da população vivem ainda a transição entre o modo de vida rural, baseado na agricultura, e um modo de vida citadino e industrial. Por vezes, nestes países e também noutros, outros sectores da população vivem a transição entre a sociedade industrial e o que se chama, à falta de melhor, a sociedade “Pós-industrial”.
- Ao mesmo tempo, sob influência combinada de vários factores e, sobretudo dos *mass media* à escala global, muitas sociedades no mundo vivem a transição entre tipos de cultura “monolítica” ou “homogénea” e tipos de cultura “pluralista”. Ora, por definição, numa sociedade pluralista as fontes de valores são múltiplas: são, não somente a família, a escola e as Igrejas, mas também os partidos políticos, diferentes organizações, os *mass media*, os grupos de pares e assim sucessivamente. E os valores propostos são, por vezes, convergentes (ou similares) e por vezes, contraditórios...

É, por isso, totalmente compreensível que os jovens se sintam inseguros face à sua identidade (não só do ponto de vista biológico, mas também intelectual ou emocional face ao seu papel na sociedade).

Estamos assim em presença de uma tendência geral que afecta — a diversos níveis — todos os jovens onde quer que se encontrem: por um lado, uma maior pressão exerce-se mais fortemente sobre cada indivíduo (para ter êxito na escola, para ter um “bom diploma”, para arranjar trabalho, para fazer face aos problemas bastante variados no que se relaciona com o sexo oposto, a atracção do dinheiro, a saúde ou a droga). Por outro lado, constata-se que o suporte das estruturas tradicionais tende a desaparecer ou torna-se mais fraco.

Esta situação provoca ansiedade e, por vezes, o medo. Os jovens procuram, urnas vezes conscientemente, outras de modo inconsciente, modelos de identificação — não necessariamente para “decalcar” as suas vidas nestes modelos, mas para encontrar pontos de referência que os ajudem a avançar na vida — e os que acham que nunca estão à altura das suas expectativas. Trata-se, por vezes, de adultos en-

redados nas suas próprias dificuldades (familiares ou sociais) que vivem os dramas da solidão ou do desemprego, que estão absorvidos pelo medo do futuro e preocupados em aguardar o seu estatuto profissional ou social, ou ainda de adultos muito centrados sobre eles próprios e incapazes de comunicar.

O papel de um movimento de educação como o Escutismo é de ajudar os jovens a viver este período de transição da maneira mais construtiva possível, isto é, de os ajudar a transformar este sentimento de inquietude numa força positiva e criativa. Neste domínio, os adultos têm um papel insubstituível a jogar.

Pêlos seus princípios e o método, o Escutismo está bem apetrechado para desempenhar este papel, oxalá que seja levado a cabo dum modo autêntico e empenhado. Embora não seja missão deste documento, alargamo-nos sobre este assunto, eis, porém, alguns exemplos:

- Diante das dificuldades reais que experimentam hoje, muitos jovens sentem-se “alienados”, como estranhos na sua própria sociedade, onde sentem que não há lugar para eles. Isto conduz, facilmente, ao desencorajamento e à perda de esperança, com a tentação de fuga para a marginalidade ou para a violência. O Escutismo, profundamente marcado pelo espírito do seu fundador, tem neste domínio uma atitude geral de optimismo e de determinação. B.-P., ele próprio, incitava os jovens (camionheiros) a conduzir o seu próprio barco”.
- Evocou-se repetidas vezes a “planetarização do mundo” e a “mundialização” dos problemas. Face a isso, o homem de hoje (e é ainda mais verdadeiro para os jovens) deve ter uma visão global, ser capaz de encarar a complexidade das situações.
- Ao mesmo tempo, o Escutismo pede aos jovens um enraizamento nas suas realidades locais ou nacionais e uma vista global das coisas do mundo. Através da sua dimensão internacional, o Escutismo propõe aos jovens que se tornem verdadeiros “cidadãos do mundo”, capazes de viver na sociedade de amanhã, cada vez mais marcada pelos contactos entre os povos.
- A subida do individualismo(sob diversas formas) é uma característica comum nas sociedades no mundo actual. As dificuldades da vida quotidiana, o acumular de obrigações e o ritmo de vida por vezes frenético, que caracteriza as grandes cidades, fazem que, em certas circunstâncias, o jovem experimente um sentimento de solidão e sentirá necessidade, ao mesmo tempo, de um adulto a quem falar e dum grupo de amigos com quem repartir os momentos agradáveis e também os momentos difíceis. O sistema de vida em pequeno grupo (ex.: a patrulha), no seio de uma unidade mais ampla (ex.: o agrupamento) fornece um quadro ideal para acumular estas necessidades, uma verdadeira comunidade à medida dos jovens que constitui também uma plataforma para se lançar à procura da “aventura”, se necessário para quebrar a rotina e o tédio da vida quotidiana.
- Esta mesma comunidade de vida pode ajudar muito o jovem a viver uma relação harmoniosa entre o passado, o presente e o futuro. Com efeito, “Nenhuma árvore se detém de pé e não vive sem raízes, se bem que elas estejam invisíveis. Conhecer os seus predecessores e o tempo em que eles viveram, é conhecer as suas raízes e o terreno de que elas se alimentaram. É melhor conhecer-se a si próprio para melhor viver o tempo presente que prepara o futuro”³.
- A subida de intolerância, sob todas as formas e manifestações, é um assunto de preocupação constante no mundo inteiro. O Escutismo ajuda os jovens a fazer uma observação reflectida e crítica

sobre eles próprios e sobre o desenvolvimento da sociedade na qual vivem e partilham valores de tolerância e de abertura de espírito. Como lembrava B.-P.: “Enquanto escuteiros, é nossa tarefa descobrir o ponto de vista do nosso interlocutor, antes de tentar convencê-lo do nosso. Nós queremos uma mentalidade ampla e aberta em todas as direcções”⁴.

- Quanto maior é a incerteza — e é o caso no mundo de hoje — mais necessário se torna ajudar os jovens a adquirir princípios sólidos, fundados em valores que não são o fruto de um constrangimento exterior, mas o resultado de um processo de reflexão e empenho pessoais. O reforço da força interior de cada indivíduo — que B.-P. exprimia já pelas palavras “character building” — permitir-lhe-á afirmar a sua personalidade, de tomar decisões e aceitar as consequências, de tornar-se num agente activo na execução de soluções para fazer face aos desafios da sua vida. Eis ainda um domínio onde o escutismo está bem posicionado para dar um contributo para a educação dos jovens.

Vamos debruçar-nos agora sobre o modo dos jovens se inserirem na vida, examinando sucessivamente as diferentes instituições sociais, que são chamadas a lançar um desafio nesse domínio.

A família

A família é considerada na quase totalidade das culturas como “a célula social de base”. O seu estudo e a sua compreensão são, por isso, determinantes para saber como se opera o processo de socialização das crianças e dos jovens.

“Estudos sociológicos mostram que as estruturas da família sofreram alterações consideráveis desde o princípio do século”⁵. No decurso dos últimos decénios, três tendências parecem ter influenciado a evolução da família de maneira irrevogável.

A passagem da família alargada à família nuclear

Muitas culturas tradicionais estão ainda ligados ao modelo da família alargada, no seio da qual uma rede de ajuda e protecção entre os membros da família ainda existe. Apesar disso, sob a pressão conjugada da industrialização, da urbanização e da sociedade de consumo, o modelo da família nuclear está em vias de ganhar terreno à escala universal.

A diversificação dos modelos de “família”

O conceito de “família” é utilizado aqui, no seu sentido mais alargado possível, o qual compreende as diversas “relações do casal”. O modelo clássico da família nuclear (pai, mãe e filhos) torna-se menos importante numericamente, e novos modelos aparecem nas diferentes culturas:

- pai, mãe e um filho
- homem e mulher sem filhos
- família monoparental (na maior parte dos casos, mãe com criança/s)
- “casamento aberto” (aumento da proporção de casais que escolhem viver juntos sem serem casados),

- “casamento experimental” (aumento do número de casais — principalmente jovens — que escolhem viver juntos durante alguns anos antes de tomar a decisão de se casarem, de continuarem a viver em “casamento aberto” ou de se separarem)
- aumento do número de casais divorciados
- (Em certos países) homossexuais que vivem juntos maritalmente e procuram um reconhecimento público da sua união (social e legalmente falando).

Instabilidade crescente e união familiar

Se a família é ainda considerada, quase universalmente, como um “valor de referência” os estudos demográficos e sociológicos mostram uma instabilidade crescente da união familiar. As estatísticas indicam, em certos países industrializados, Estados Unidos, por exemplo, quase um casamento em dois acaba em divórcio.

A educação formal (a escola)

Para começar, uma afirmação quantitativa: na vida das pessoas, cada vez mais tempo é consagrado à educação formal. “Nos nossos dias, perto de uma pessoa em cinco é aluno ou professor numa instituição de educação formal”⁶.

Há uma tomada de consciência crescente de que a educação formal tem lugar num ambiente social. Para compreender isto, devemos então situá-la num contexto global. As tendências apresentadas a seguir aparecem numa certa ordem que não será a única possível, sendo certo que estas tendências estão todas ligadas entre si.

- A educação moderna prolongou o período de transição da infância à idade adulta e isto é uma fonte de frustração para os jovens. Esta frustração é atribuída ao facto de eles serem privados de uma função social importante num momento da sua vida em que têm capacidade e motivação para a exercer.
- Nos nossos dias, a educação é considerada cada vez mais como um processo que dura toda a vida. Uma parte do processo de aprendizagem tem lugar nas instituições (tais como a escola), mas igualmente, e isso toma cada vez mais importância, de maneira muito menos formal. O conceito de “escolas abertas” e “Universidades abertas” que se desenvolveu em muitos países segue os seus princípios: uma tentativa de libertar os estudantes dos apertos convencionais da educação e encorajá-los a desenvolver-se ao seu próprio ritmo. Diferentes fórmulas são desenvolvidas para associar a escola e o trabalho e oferecer possibilidades aos estudantes para viver nas regiões afastadas (por exemplo, cursos universitários por correspondência, etc.).
- A educação não é mais considerada como um processo “de senso comum” (“o que ensina” possuindo todo o saber e transmitindo-o ao que “aprende”), mas como um processo de duplo sentido, onde há lugar para o diálogo e onde o processo de aprendizagem decorre largamente da curiosidade do aluno. Por outro lado, o relevo que anteriormente era posto no “ensino” é agora colocado na aprendizagem. Deste modo, a “Delegação Mundial sobre Educação para todos” adoptado pela Conferência do mesmo nome, que teve lugar em 1990 em Jomtien, Tailândia, afirma: “O alargamento das possibilidades de formação não pode terminar, em última análise, no verdadeiro desenvolvimento do

indivíduo ou da sociedade como se as formações oferecidas se traduzissem em aprendizagens efectivas, isto é, pela aquisição de conhecimentos, da capacidade de raciocínio, habilidade e de valores úteis...”⁷. Neste contexto, reparamos que, por exemplo, “o acesso à informação deixa aos jovens o controlo total da situação de aprendizagem, e isso é um factor essencial no processo ligado à aquisição de autonomia”⁸.

- A educação não formal tem um papel importante, muito particularmente nos países em vias de desenvolvimento e nas zonas rurais.
- A participação dos jovens. Em muitos países, parece que há uma tendência em estabelecer “conselhos escolares” ou entidades similares que permitem aos estudantes exprimir os seus pontos de vista aos que ensinam e aos seus pais.
- O conceito de “comunidade de aprendizagem” apareceu segundo os mesmos princípios. A participação é evidentemente considerada como uma fonte de enriquecimento para os jovens, mas também, e cada vez mais, para os adultos. Deste modo, os adultos são chamados a mudar a sua perspectiva e a considerar os pedidos de participação por parte dos jovens não como uma ameaça, mas antes como uma ocasião de enriquecimento pessoal.
- Em muitos países há um sentimento generalizado, difícil de traduzir em estatísticas ou sob a forma de relatório, segundo o qual nos nossos dias a escola concentra o seu interesse muito mais sobre “a instrução” do que sobre a “educação”, com a deficiência que isso implica na formação do “cidadão”. Uma das razões desta evolução poderá ser o programa escolar carregado. Uma sociedade competitiva assim como o conjunto crescente de conhecimento obrigam os que ensinam a transmitir cada vez mais conhecimentos factuais, consagrando assim a maior parte do seu tempo ao “ensino” e pouco ou nenhum tempo à educação. Convém lembrar sobre este assunto que há, por vezes, uma grande diferença entre a “declaração” e a “realidade”. Fala-se de “educação” enquanto se pratica a “instrução”. Alguns especialistas fazem lembrar que isso é difícil de evitar por muito tempo até que o sistema fique competitivo e orientado em função dos resultados.
- Enfim, a despeito das dificuldades, faltas e insuficiências detectadas por quase todo o lado, é preciso lembrar que o sistema de educação formal deixa, na maior parte dos países, um poderoso factor de mobilização social.

O trabalho

Para melhor compreender o que vai seguir-se, é importante remetermos a nossa memória para as grandes transformações da actividade económica intervenientes no decurso do século XX. Eis uma percepção rápida:

- **sector primário (agricultura):** graças aos processos técnicos, um número cada vez mais reduzido de agricultores é capaz de produzir mais. Nos países industrializados, o número de pessoas empregadas na agricultura está em nítido recuo e a sua contribuição no PNB não cessa de diminuir em percentagem.

- O sector secundário (indústria): progrediu sem cessar no decurso do século: ganhos de produtividade, introdução de automatização e satisfação das necessidades da sociedade de consumo fizeram da indústria o “motor” do crescimento económico. Hoje, alguns falam já de “segunda revolução industrial” a propósito dos progressos, derivados da introdução da micro-electrónica.
- O sector terciário (serviços: bancos, comunicações, escritórios, turismo, etc.) conheceu um aumento enorme na procura no decurso dos últimos decénios. Um só exemplo: na Europa, 30% de pessoas trabalhavam neste sector em 1950, enquanto que passaram a 55% em 1990 ⁹.

Deste modo, o equilíbrio e o lugar dos três grandes sectores económicos no quadro global mudou, fundamentalmente, no decurso dos últimos decénios.

A tendência para a mundialização da actividade económica reforçou-se progressivamente no decurso dos últimos decénios. A internacionalização crescente da estratégia industrial dos grandes grupos (companhias multinacionais) constituem uma prova disso.

O desemprego constitui o problema, o maior deste fim de século. Algumas tendências ajudar-nos-ão a compreender o seu sentido e as suas modalidades:

- O desemprego recomeçou a progredir na (quase) totalidade dos países industrializados. As estatísticas da OCDF em 1991, apresentavam uma taxa de desemprego de 7,1%, ou seja 28 milhões de desempregados. As projecções para 1992 indicavam uma taxa superior a 7,4 %.
- “A mais longo prazo, um dos aspectos mais preocupantes nos países industriais é que o desemprego tenha aumentado constantemente, mesmo durante os períodos de crescimento económico sustentado. Aí está um fenómeno novo muito inquietante” ¹⁰.
- Aumento do trabalho a tempo parcial: o trabalho a tempo parcial, logo que é escolhido, representa, em geral, uma melhoria da qualidade de vida; é por conseguinte desejável. Contudo, isso não parece ser o caso neste momento onde “... muitos trabalhadores aproveitam os empregos temporários ou a tempo parcial, porque não encontram permanentes” ¹¹.
- A tendência para a precariedade do emprego: além disso, o trabalho a tempo parcial, outras modalidades de emprego “precário” estão em vias de generalização nos países industrializados: contratos temporários ou de duração limitada, emprego por intermédio de agências, emprego independente, trabalho ao domicílio, etc..
- Tendência para a “empresa flexível”: muitas empresas procuram evitar os custos ligados ao pessoal a tempo inteiro. Elas “empregam um núcleo permanente de trabalhadores regulares rodeados de um efectivo precário de assalariados temporários, de trabalhadores ao domicílio ou de sub-contratados...”.
- Os efeitos combinados do desemprego (sobretudo quando é de longa duração) e da precariedade de emprego podem conduzir à marginalização social. Já evocamos a aparição de “novos pobres” na Europa.

- Sem que esteja ainda confirmado como tendência geral, parece que num número importante de países industrializados a crise faz diminuir os efectivos dos sindicatos. Se esta tendência se confirmar, é preocupante, porque junta um novo elemento a um conjunto de factores que contribuem para a “desagregação social” ¹².

O desemprego em geral (e o desemprego dos jovens em particular) está já — e infelizmente, corre o risco de tornar-se nos próximos anos — o problema mais importante que a Comunidade Internacional e cada país individualmente têm para defrontar. Para medir a importância do fenómeno, é preciso partir de uma constatação de base: tudo o que dissermos sobre o custo social e sobre o efeito desestruturante do desemprego aplica-se em primeiro lugar aos jovens e sobretudo àqueles que estão à procura do primeiro emprego.

A televisão

As estatísticas nos Estados Unidos dão a imagem seguinte: “os jovens de 13 a 18 anos vêem televisão em média durante 3,1 horas por dia da semana e 5,9 horas durante o fim de semana. Os jovens adolescentes (13-15 anos) vêem mais televisão que os mais velhos (16-18 anos) ¹³. Quando atinge 18 anos o jovem já passou quase dois anos da sua vida diante do écran. Isto representa 17 mil horas a olhar a televisão contra 11 mil horas de escola e 1160 horas de cinema ¹⁴. Mesmo que estas estatísticas não possam ser extrapoladas, elas reflectem uma tendência aplicável numa certa medida a muitos países industrializados. Os jovens passam mais tempo diante da televisão do que na sala de aula.

Quais são os valores veiculados pela televisão?

É difícil responder de maneira global, mas dispõe-se de algumas indicações:

- “Beber álcool é considerado como uma maneira de parecer adulto, imagem encorajada pelo exemplo de membros mais velhos da família e dos ídolos dos média” ¹⁵.
- “Os heróis dos jovens vêm geralmente do mundo do espectáculo e dos desportos. Eles são vistos e ouvidos no mundo inteiro através das barreiras linguísticas e culturais. Se muitos ídolos populares dão um bom exemplo para os jovens, os que utilizam a droga beneficiam eles também de uma grande publicidade” ¹⁶
- A publicidade é um aspecto muito importante dos média. Há muitos exemplos de interesses comerciais que fazem a promoção dos produtos nocivos para a saúde, em particular o tabaco e o álcool, esperando por vezes de modo discutível um modo de vida falsamente atraente” ¹⁷.
- Além disso, os mesmos produtos nocivos à saúde são muitas vezes objecto de promoção de apadrinhamento de acontecimentos, desportivos e culturais. Os média podem também favorecer um comportamento arriscado e nocivo à saúde de explorando os sonhos dos jovens e glorificando a violência e a sexualidade irresponsável” ¹⁸.

- É preciso também sublinhar que a multiplicação de jogos e concursos na televisão, por vezes com somas importantes em jogo, podem reforçar a tendência crescente para se viciar nos jogos de sorte na sociedade em geral e a atração de dinheiro fácil.

4. A situação das crianças e jovens em Portugal e na Diocese de Coimbra

Uma boa parte do conteúdo deste capítulo é proveniente do documento “Características da Juventude Portuguesa e a intervenção dos Adultos no Escutismo”, do Drº Alberto Teixeira, Sociólogo. Comunicação apresentada no Seminário Nacional sobre o Plano e Desenvolvimento, realizado em Santarém, em Outubro de 1995 e inserido na publicação “*Tendências no mundo de hoje, como afetam a juventude, questões e desafios para o Escutismo*”, do Bureau Mundial do Escutismo. É também da publicação “*Os Jovens na Diocese de Coimbra. Quem são? Que interpelações lançam à Igreja*”. Gráfica de Coimbra, Julho de 2000.

Em Portugal

(...) A intervenção em meio juvenil foi considerada por B.-P. de uma forma pragmática e simples, como podemos ler no Auxiliar do Chefe Escuta: “*O Escutismo não é uma ciência obtusa ou difícil; é antes um jogo divertido para um momento próprio*”, para em seguida dizer que “*Ensinar a servir não é apenas questão de ensino teórico mas o desenvolvimento de duas fases distintas: 1 – O inculcar o espírito de boa vontade; 2 – O proporcionar oportunidades para a sua aplicação prática*”.

Mas esta intervenção tem de ter em conta a essência do Escutismo. Não é um artigo da Lei, um princípio ou uma declaração da promessa mas a ideia subjacente ao nome porque nos identificamos: Boy Scout — Escuteiro — Escuta — o que explora e observa. Observar e aprender a observar é a essência do nosso Movimento, a matriz da nossa Lei, Princípios, Promessa e metodologia pedagógica.

A partir desta essência, o Escutismo constituiu-se um profundo acto de criatividade a partir do que observamos, dando à vida um significado e uma razão feliz para a viver.

Mas o que temos nós a fazer, que somos adultos e dirigimos escuteiros? B.-P. deixou-nos o conselho simples para observarmos os jovens no seu território — no pátio da escola, na rua, em grupo de brincadeiras, nos seus locais de lazer.

Nesta altura, com o que observamos podemos tomar dois partidos: ou achamos que não podemos, não queremos ou não temos nada a fazer com os jovens; ou, por outro lado, achamos que temos a obrigação de intervir, seja qual for a razão que nos norteia. Se optarmos pelo segundo partido, não nos podemos deixar embarcar em devaneios estéreis, ficarmos convencidos que o que os jovens precisam é de adultos, que sem eles não podem existir e a sociedade só se constrói com os princípios do modelo que cada um de nós idealizou.

O que antes de mais precisamos fazer ao tomar o segundo partido não é só observar, mas também aprender uns com os outros a observar da melhor maneira.

A juventude é um lugar criado pelas ciências humanas no século passado e durante o desenvolvimento da sociedade industrial. É um tempo que o consenso dos estudiosos localiza entre a puberdade e a idade adulta.

Juridicamente, a idade adulta varia de país para país, e socialmente depende da cultura, da estabilidade e dos interesses no papel que a juventude pode desempenhar nas comunidades.

Mas antes de se ser jovem é-se criança. E nesta condição sujeita a múltiplas interacções que influenciam o desenvolvimento individual.

Estas interacções organizam-se no interior de instituições formais e informais que são os agentes de socialização de cada criança: *a Família, a Escola, o Trabalho e a Sociedade em geral.*

A Família influencia os seus elementos mais novos a seguirem um modelo ou processo de conhecimento da realidade envolvente. Cada criança ganha assim uma atitude perante a vida, com comportamentos, normas e valores que lhe dão a identidade.

A Família, porque é a principal instituição que fornece o alimento, abrigo, vestuário, afecto e educação, deixa marcas indeléveis que permanecerão ao longo da vida.

A Escola ensina competências, conhecimento e como obtê-lo, introduz as regras e regulamentações da organização formal.

Mas a escola também é um meio de selecção social marcado pela inteligência, pelo sucesso/insucesso e que afecta principalmente a classe média. A classe baixa não atribui à Escola grande importância e a classe Alta possui uma estrutura e segue outros mecanismos de integração e promoção. Apesar de o trabalho reestruturar os indivíduos não vamos aqui falar dele. Na Sociedade em geral encontramos ainda dois importantes agentes de socialização: *os Pais e a Televisão.*

Os Pais são normalmente pessoas da mesma idade, sexo, nível de ocupação; tornam-se amigos por possuírem um estatuto igual e interesses mútuos.

Os pais influenciam-se e tornam-se significantes no processo de socialização.

A Televisão é a principal fonte de informação e entretenimento e, por isso um importante agente de socialização. Em Portugal, uma criança entre os 6 os 10 anos (idade de entrar no 2º Ciclo) tem cerca de 6.000 horas de aulas e 9.000 de televisão. E isto é assustador.

Durante o tempo que vê televisão fica ali sozinha, sem conversar sobre o que vê e integra desordenadamente todo o tipo de representações.

A televisão dá principalmente aos jovens comportamentos agressivos induz ao consumo e reforça estereótipos culturais.

É certo que também pode ajudar a desenvolver atitudes positivas (a "Rua Sésamo", os programas sobre a Natureza, etc..) quando encorajam ao autocontrolo, à cooperação e a multiracialidade.

Para quem pensa que a televisão é um obstáculo moral para a melhoria da sociedade e pensa que há que combatê-lo, fique sabendo que é uma luta que já perdeu. Neste caso há que aproveitar da melhor maneira em favor dos princípios que beneficiem a vida e tornem esta mais feliz.

Ao longo do ciclo de vida as pessoas mudam de papel social. São bebés, alunos, filhos, pais, trabalhadores, etc... E para reconhecerem as mudanças de uns papéis para os outros, ao longo do tempo, a sociedade usa os *ritos de passagem*.

Quando as celebrações não se fazem, geram-se disfunções, que são diferenciais nas fases de desenvolvimento que impedem a identificação dos diferentes estádios.

O que normalmente consideramos conflitos de gerações são frequentemente erros de identificação, erros de compreensão simbólica dos papéis. E muitas vezes porque os ritos de passagem ou não foram realizados ou foram tão ténues que a sua representação ou imagem não passou para alguma das partes. Só as socializações de antecipação, do tipo da formação profissional e escola, permitem que se preparem os indivíduos para novos papéis, reduzindo o espaço/tempo que os medeia. E também esses têm os ritos necessários (os diplomas, as praxes, etc...).

Encontramos, assim, os jovens em encruzilhadas onde anseiam por ser independentes e responsáveis (como adultos) e simultaneamente têm medo de sê-lo; frequentemente desobedecem aos pais e professores, mas precisam dos seus apoios; não gostam estar sós a expressar as suas sensualidades, mas não prescindem da privacidade; e o que normalmente lhes foi proibido em criança é querido como adultos que se julgam.

As experiências anteriores e as ocorridas durante as idades de crise são posteriormente enfatizadas de forma a que se formam subculturas, com um meio próprio de vida (gostos ritmos,...).

Sub-culturas que não são pontos imagináveis, imóveis e passivos, mas fruto das convivialidades cujo prazer são signo geracional.

Como se não chegassem as lutas e incertezas que os jovens têm de travar a Família, local onde se processa socialização primária, é um terreno de jogo em mutação visível.

Sentimos que a família é diferente: o modelo rural de economia familiar quase desapareceu, para surgirem as economias individuais e em grupo; as etnias e raças cruzam-se trazendo cada uma delas características culturais diferentes; o trabalho deixou de ser partilhado no interior da família, para diariamente os seus membros o procurarem fora de casa.

O conceito de estrutura familiar além de mudar entre classes, origens culturais e actividades tem agora um significado diferente.

No interior de uma população que envelhece (os grupos de idade mais velhos crescem e os jovens diminuem); os casamentos surgem mais tarde; a intimidade e sensualidade têm manifestações fora da casa de família, a política social para a família (saúde, cuidados com a infância) é assegurada fora da família; o papel dos indivíduos, diferenciado pelo sexo, esbate-se; as estratégias familiares dão lugar a preocupações económicas; a duração das dependências dos jovens em relação aos pais aumenta; a violência na

família surge por efeito de influência externa; os divórcios e segundos casamentos aumentam; os lares e convívios de solteiros aumentam nas grandes cidades.

Com tudo isto, o que serão as famílias do futuro?

Com tudo isto, em que se está a transformar a nossa juventude?

Atrás, tive ocasião de referir a definição consensual do que é a juventude, a que acresce a memória de um passado onde a entrada na idade adulta era marcada por momentos especiais: quando faziam a sua incorporação no mundo do trabalho, contraíam matrimónio, faziam o serviço militar, ou abandonavam a família de origem.

Hoje, é questionável, sobretudo ao nível da classe média, a integração em qualquer daqueles ítems por indefinição e dessincronização.

Hoje, a juventude está menos associada a uma idade, ou a um momento especial como aqueles.

Hoje, está mais associada a um modo de vida.

Refira-se, novamente, que aqueles ítems, marcados por ritos de passagem obrigatórios no passado para toda a população, o deixaram de ser hoje para a generalidade da juventude: a incorporação no mundo do trabalho é cada vez mais tardia por efeito da permanência na escola e pela dificuldade em encontrar emprego; a união do matrimónio por efeito da realidade já consta na lei civil com a correspondente união de facto; o serviço militar não se estende a todos os mancebos; o abandono da família de origem tende a ser mais tardio.

Também os jovens referem a desvalorização dos diplomas, por serem falsas as expectativas de realização profissional que aqueles podem trazer. Também para eles, o futuro é representado de forma muito ténue. Os filhos dos operários e empregados de baixa qualificação a reproduzirem a sua classe social, enquanto que a classe média ou estratos em ascensão precedente e antecedente aspiram a um futuro indefinido mas diferente daquele que foi reservado para os seus pais.

Ao reflectirmos sobre a posição do método, dos dirigentes e do perfil útil dos adultos, em relação aos jovens a quem é dirigido o Escutismo, temos de ter presente todos estes dados objectivos.

Muitas vezes, culpa-se de forma indeterminada a sociedade e o estado moral e social em que ela se encontra, sem no entanto objectivarmos.

Olhemos de outra forma os dados demográficos, a informação sobre a estrutura familiar emergente, sobre as relações de convivalidade dos jovens e dos adultos, e façamos a medição necessária dos nossos pensamentos. Procuremos respostas em questões que antes pouco contribuíam para a explicação dos problemas, tenhamos a coragem de observar para fora de nos e a criatividade para fazer diferente.

Por último quero voltar às citações do pensamento de B.-P.: *“... a primeira coisa para conseguir a educação do nosso escuta é o saber alguma coisa sobre os jovens em geral e aquele em particular...”*.

Quanta genialidade nestes pensamentos no alvor do nosso século...

Complementando-as deixo um aviso para três espaços de observação, que constituem três propriedades dos jovens:

- A Emotividade — Como a capacidade de estruturar/desestruturar o sujeito. A prontidão para a cólera, para as lágrimas, o entusiasmo à flor da pele e a indiferença aos ruídos.
- A Actividade — Como potencial de forças activas, a capacidade de desempenhar vários papéis.
- A Retenção — Que representa a taxa de penetração no ser humano dos acontecimentos exteriores.

Estes campos de observação são também campos privilegiados de acção do Escutismo.

Os dirigentes aqui presentes são apenas um punhado de homens e mulheres, mas podem ser as células mais vivas das raízes da árvore que é o Escutismo.

Mas para que desempenhem os seus papéis, bem como os adultos que ainda aqui não estão presentes, têm de ter condições, das quais uma delas é ser lúcido.

A lucidez não é entusiasmo, não é previsão profética, nem persuasão sentimental.

Não nos podemos definir a nós próprios nem à nossa lucidez — esta fabrica-se com pedra, cimento e aço. Por isso, como os materiais de uma casa precisamos aprender a associarmo-nos e juntos sermos capazes de proclamar o que queremos para obter, ser capazes de agir, atuar a uma escala de valores objectivos, termos questões indiscutíveis, ou seja, fazer Escutismo.

Na Diocese de Coimbra

1. Análise da Situação Actual

1.1. Alguns perfis dos Jovens da Diocese de Coimbra

Baseado em *Os Jovens na Diocese de Coimbra*,
CARLA PIMENTA, *Alguns perfis dos Jovens da Diocese de Coimbra*, pp. 11-36.

Neste capítulo que me disponho a apresentar, baseio-me totalmente nos dados apresentados no Fórum "Os Jovens na Diocese de Coimbra", cujos estudos foram recentemente publicados em livro.

O inquérito realizado na Diocese de Coimbra e que está na base dos referidos estudos, foi aplicado a jovens aí residentes e com idades compreendidas entre os 15 e os 29 anos.

Dos resultados, saliento como mais importante para o nosso estudo, o seguinte:

1. Dos jovens inquiridos:

- 2,6% possuem o 10.º Ciclo ou menos;
- 15,1% o 2.º Ciclo;
- 24,3% o 3.º Ciclo;
- 34,8% o Ensino Secundário completo;
- 16,4% um nível de bacharelato ou frequência universitária;
- 7% uma licenciatura ou habilitações superiores.

2. Dos jovens inquiridos:

- 56,4% são estudantes;
- 35% trabalhadores;
- 4,8% desempregados.

3. Dos jovens inquiridos:

- 75,4% são crentes com uma religião, declaração esta quase sobreponível à de ser católico, uma vez que as outras religiões têm uma expressão de 1%.

4. A declaração de se ser crente com uma religião decresce ligeiramente na faixa etária dos 21 aos 24 anos e atinge o máximo na faixa etária dos 15 aos 17 anos.

5. A posição "agnóstico/ateu" cresce com as habilitações, ao passo que a posição "indiferente" apresenta flutuações no sentido da diminuição.

6. Globalmente, os jovens declaram-se satisfeitos com os diversos aspectos da sua vida: a relação com os pais e amigos vence. E relativamente ao seu futuro pessoal e profissional que os jovens estão menos satisfeitos.

7. Os jovens não se importariam de fazer sacrifícios por causas como a Paz, a Defesa da Família e a Luta contra a Miséria. A posição religiosa não vem alterar de forma significativa os valores manifestados pela generalidade dos jovens. A paz será uma causa da maior importância para os Jovens Crentes. Para os Jovens Agnósticos/Ateus, a defesa da família e dos direitos e liberdades individuais equivalem-se em importância.

8. A atitude dos Jovens da Diocese de Coimbra perante a vida é de uma calma preparação do seu futuro.

9. Os jovens mais despreocupados parecem ser aqueles que se declaram indiferentes em termos religiosos. Os jovens menos preocupados com o futuro são os crentes sem uma religião.

10. Os jovens preferem os amigos para conversar, divertirem-se e passarem os seus tempos livres. Quando necessitam de apoio e conselho, as figuras mais importantes são os pais. Os professores e o pároco quase não têm expressão.

11. Nos seus tempos livres, os jovens procuram quase sempre a diversão. Têm alguma relevância também o descanso e o convívio.

12. Dos jovens católicos:

- 52% consideram-se católicos praticantes, mas do total dos inquiridos, apenas 18,1% vai à missa todos os domingos.
- 31,5% declaram-se católicos por educação/tradição familiar e 23,5% por crença/fé pessoal
- As actividades do jovem católico praticante estão fundamentalmente ligadas à vivência na sua própria paróquia:
 - 13,8% pertencem a grupos juvenis paroquiais;
 - 7,8% ao CNE;
 - 4,4% aos Convívios Fraternos

13. Dos jovens católicos:

- 46% declaram-se católicos não praticantes, apresentando como motivos mais frequentes:
 - 32,5% falta de tempo;
 - 28% não haver necessidade de praticar para ser católico.

14. Dos jovens inquiridos:

- 23,5% declaram-se ateus, agnósticos, crentes sem uma religião ou indiferentes, tendo este último maior peso percentual. Quanto aos motivos, surgem principalmente a "convicção pessoal" e a "falta de atracção pela religião".

15. Para os jovens que modificaram a sua posição religiosa, a tendência principal foi no sentido do afastamento. Esta modificação acontece principalmente aos 15-17 anos (38,9%). É digno de nota o facto de coincidir com a faixa etária dos jovens questionados que maioritariamente se afirma como católica praticante.

16. O facto de se considerar católico praticante diminui em ordem inversa à idade.

17. Relativamente à imagem que os jovens têm da Igreja Católica, surgem, por ordem de importância:

- Tradicionalista (85,6%);
- Conservadora (81,8%);
- Acolhedora (72,5%);
- Atractiva (72,4%);

- Alegre (66,8%);
- Entusiasta (61,6%);
- Dialogante (56,4%);
- Activa (56,2%).

18. Relativamente àquilo em que, na opinião dos jovens inquiridos, a Igreja deveria mudar, surge como mais relevante:

- Acompanhar a evolução dos tempos, modernizar-se (51,3%);
- Apoiar os jovens nos seus problemas/projectos (38,3%);
- Tornar a prática religiosa mais cativante, alegre e dinâmica (35%);
- Ir ao encontro das pessoas de forma mais dinâmica (31,3%).

1.2. A situação dos Jovens em Portugal

Baseado em intervenção do Dr. M. L. Marinho Aritunes
na Assembleia Plenária da CEP, Fátima, 04 de Maio de 2000

De uma forma sucinta, podemos, relativamente à situação dos Jovens em Portugal, falar de:

1. Diminuição do número de jovens.
2. Valorização dos jovens (os adultos copiam os jovens).
3. Não temos uma categoria única de tipos de jovens na sociedade portuguesa (há jovens e jovens e as respostas têm de ser diversificadas).
4. Categorias de jovens em contínua mudança (os próprios jovens são agentes dessa mudança).
5. Na vida dos jovens cruzam-se todos os vectores da vida da sociedade (não há realidades estanques).
6. Situação em que se manifesta uma clara complexidade (exige inteligência e atenção) — são várias as realidades.

Tudo isto exige o exercício da avaliação e da inovação.

7. Triângulo de valores nos jovens de hoje:

- Hedonismo;
- Convivialismo;
- Diversão.

Muitos dos valores decorrem daqui.

8. Outro triângulo de valores decorrem da relação com as normas:

- Tolerância;
- Redução;
- Transgressão.

9. Um terceiro pode decorrer da imagem que o jovem tem de si mesmo:

- Hedonismo;
- Narcisismo;
- Expressividade.

Os jovens captam muito mais através da forma do que a partir dos conteúdos.

10. Cinco áreas de dificuldade:

- Reacção à instituição e à norma;
- Tomar decisões, assumir compromissos e orientar por ideais (muito também por não haver modelos nos adultos);
- O domínio da sexualidade (esta área tem de ser aprofundada);
- O modo como os jovens vivem o grupo e a comunidade (a dispersão, a instabilidade e o salto de grupo em grupo);

A metodologia do trabalho com os jovens (há muita coisa a rever, a começar pelos objectivos).

1.3. Traços mais distintivos dos Jovens da Diocese de Coimbra

* Baseado em *Os Jovens na Diocese de Coimbra*,

DR. JOSÉ MACHADO PAIS, *Os Jovens na Diocese de Coimbra, os Jovens Portugueses e Europeus*, pp. 37-51

Como síntese dos traços mais distintivos dos Jovens da Diocese de Coimbra, segundo os dados do Inquérito realizado e em comparação com os restantes jovens portugueses (a partir de vários inquéritos realizados, entre os quais o *Inquérito à Juventude Portuguesa de 1987* e o *Inquérito aos Jovens Portugueses de 1997*), podemos apresentar os seguintes:

1. Os jovens da Diocese de Coimbra revelam práticas religiosas (idas à missa ou à Igreja) ligeiramente superiores às dos jovens portugueses e, mais do que estes, encontram-se envolvidos em agrupamentos religiosos.
2. Os seus relacionamentos sociais encontram-se preferencialmente orientados para os amigos. Porém, encontram-se mais ligados e ancorados à família do que os jovens portugueses.
3. Manifestam um desejo muito significativo de participação associativa.
4. Mostram-se satisfeitos com as relações que têm com os pais e com os amigos, mas não tanto com o futuro (pessoal e profissional), o amor e, ao contrário dos jovens portugueses, com as férias e tempos livres.
5. Tendem a olhar o futuro de forma ambivalente, mas dão mais atenção às forças aleatórias (sorte e destino) e materiais (dinheiro e iniciativa de trabalho).
6. Tendem mais que os jovens portugueses a olhar com inquietação o futuro.

5. Valores dos jovens e estilos de vida

É preciso admitir desde já as insuficiências e os limites desta pesquisa. Estas dificuldades têm pelo menos três factores:

É impossível dissociar os jovens dos valores gerais da sociedade. Como vimos na secção “Os jovens e o quadro social” no ponto 3., os jovens fazem parte da sociedade, estão em interacção constante com o seu meio social. Como “esquecê-los”, pois, em termos de análise?

A segunda dificuldade consiste na falta de informação no plano global e na falta de estatísticas comparativas. Thomas Forstenzer membro da UNESCO e redactor de “A juventude nos anos 80” sublinhou a falta geral de informação suficiente sobre os jovens em geral e a incapacidade de obter informações exactas sobre a migração dos jovens, o desemprego, o sub-emprego, a saúde ou o alojamento. Não há nada de informações palpáveis sobre o que eles denominam “as questões quentes respeitantes aos jovens”, tais como os fugitivos, a prostituição masculina e feminina, o alcoolismo, o analfabetismo funcional, as jovens grávidas ou o suicídio¹⁹.

A terceira dificuldade que nos impede de mostrar um quadro mundial melhor está no facto de que os termos utilizados nas descrições são, por vezes, vagos e imprecisos. O melhor exemplo é o da “revolução cultural de 1968”.

O termo figura quase sem excepção em todos os livros consagrados à juventude. Contudo, há uma falta total de clareza quanto ao facto de saber qual era a mensagem essencial desta “revolução”: tratava-se de uma revolta dos jovens contra a “sociedade global”? ou contra a “sociedade de consumo”? ou contra

um determinado sistema político, entendido como “imóvel” e incapaz de evoluir?, ou contra a dominação dos “adultos” (exemplo: o “mandarinato” etc.)? As interpretações são tão numerosas como os autores.

Em face de todas estas dificuldades, pode-se perguntar porquê tentar uma empresa semelhante. Por duas razões: em primeiro lugar, porque um documento sobre Os Jovens de Hoje não estará nunca completo sem uma secção consagrada aos valores; em seguida, porque uma síntese provisória, algumas linhas directrizes, indicações, se elas forem imperfeitas, podem criar um efeito “heurístico” ajudar a conceber, por aceitação ou por oposição ao que é apresentado, uma nova síntese ou outras proposições.

Valores espirituais

O panorama geral é muito complexo e os livros — ver as enciclopédias — destinados a ilustrá-lo poderiam ocupar bibliotecas inteiras. Tentaremos apresentar algumas grandes linhas, apesar de sabermos que elas são simplistas, tendo em conta a complexidade do fenómeno.

Em primeiro lugar, alguns números para fixar as ideias. Em 1987, numa população total de 4900 milhões, os cristãos eram 1570 milhões (católicos 900 milhões, protestantes 410 milhões, ortodoxos 185 milhões e anglicanos 75 milhões), os muçulmanos 850 milhões, os hinduístas 670 milhões, os confucionistas 310 milhões, os budistas 300 milhões, os seguidores de outras religiões de outras religiões e animistas 680 milhões e os agnósticos e ateus 600 milhões. As religiões dividem-se em naturais e reveladas: as primeiras têm origem humana (por exemplo, budismo, confucionismo e hinduísmo), enquanto as segundas se baseiam na revelação de Deus (cristianismo, judaísmo e islamismo).

O contexto geral: o mundo ocidental vive num Contexto cada vez mais dessacralizado e pluralista. Pode dizer-se a mesma coisa de uma grande parte do mundo em desenvolvimento mas é preciso aceitar esta afirmação com variações, muito importantes. Ao mesmo tempo “...a religião constitui para muitos cristãos, judeus, muçulmanos, hindus e budistas, o elemento estruturante da sua vida”²⁰.

As três grandes religiões monoteístas (cristã, islâmica e judaica) parecem atravessadas, em graus diferentes, por duas correntes opostas: uma dita “progressista” que deseja adaptar a fé e a ética ao mundo moderno e outra dita integrista ou fundamentalista que deseja conservar intacta a tradição e rejeita, por isso, os aspectos julgados “perniciosos” ou “negativos” do “modernismo”. Em particular, no caso do Islão “o insucesso da transposição dos modelos ocidentais nos países muçulmanos favoreceu o ímpeto do Islamismo, sem que seja possível precisar até que ponto se trata de uma variante “moderada” ou “intransigente” e, até que ponto se trata de uma atitude ditada pelo “regresso do religioso” ou de uma resposta “cultural” ao modelo ocidental²¹.

No seio da igreja católica e das igrejas protestantes o processo de secularização (isto é, o reconhecimento da autonomia do domínio temporal por confronto ao domínio religioso) desdobra-se num processo de renovação religiosa, mais ou menos afirmado segundo os países.

Um estudo feito em 1988 mostrava que “actualmente a maior parte dos jovens Europeus (Note Bem: Tratava-se da época da Europa Ocidental) não têm nenhuma ligação com uma Igreja ou com uma comunidade espiritual. Isso não quer necessariamente dizer que não estão à procura de um sentido para as suas vidas e de uma realidade espiritual, mas a maior parte das vezes, tendem a adoptar “meios de expressão não institucionalizados”²². Esta afirmação é aplicável a outras regiões do mundo? Alguns índices parecem indicá-lo, mas outros vão num sentido contrário.

Nos velhos países de regime Marxista (ex-URSS e países da Europa central e oriental) constata-se uma vida ideológica e uma ausência de pontos de referência. Algumas Igrejas são julgadas severamente, por causa dos seus compromissos com os velhos regimes comunistas e um doutrinamento oficialmente ateu deixou sequelas importantes. Há, contudo, aqui e ali, índices que mostram um renascimento da fé, ou no mínimo da prática religiosa.

Para completar este quadro, é preciso mencionar aquilo que se chama a “privatização de sentimento religioso” muito presente no mundo Ocidental. Por outras palavras, cada vez mais (mesmo para crentes praticantes) há uma dissociação entre o sentimento de pertença de uma Igreja e a conformidade às normas; há uma “apropriação individual” da ética onde “cada um julga o que quer crer”²³.

Alguns traços, muito brevemente, para completar o quadro de conjunto:

O diálogo entre religiões despoletaram algumas tentativas de aproximação. Situa-se a três níveis. Há o diálogo ecuménico (entre as grandes religiões cristãs) e, também um diálogo entre as grandes religiões monoteístas. Em 1986, na Ásia, mais de uma centena de representantes de grandes religiões do mundo, reuniram-se para rezar pela paz. Toda a tentativa de aproximação chocou, contudo, com obstáculos numerosos e importantes.

Os últimos decénios viram uma multiplicação das “seitas”, o crescimento dos seus efectivos e do seu poder económico. Algumas delas misturam ritos tradicionais com práticas espirituais inéditas e constituem “...empresas económicas florescentes, realizando lucros importantes”²⁴. A tendência mostra que continuarão a progredir enquanto forem capazes de oferecer aos seus adeptos uma ajuda moral, experiências com forte conteúdo emocional e uma vida de grupo muito sólida.

De facto, um dos grandes paradoxos religiosos reside nisto: enquanto que todas as grandes religiões estabelecidas consideram a Paz como um valor essencial, as “guerras de religião” ou as guerras “onde a religião joga um papel motor” (além de outros factores) não cessaram de se manifestar (quer sob a forma de conflito permanente ou de impulsos esporádicos).

O budismo “...com os seus ensinamentos contemplativos convidam à sabedoria existencial e a sua aptidão para assimilar as correntes modernas, é chamado no futuro a fazer numerosos adeptos no mundo contemporâneo...”²⁵.

Alguns valores que podem ter uma influência sobre os jovens

Um valor é uma “atitude interna, estável, que orienta o comportamento”²⁶. Os valores de uma pessoa orientam a maneira pela qual se conduz na vida. É dentro do mesmo sentido que se pode falar dos valores dum grupo social — um grupo escutista ou uma equipa de futebol — de uma sociedade ou ainda de uma geração.

Os valores constituem por isso uma “grelha de leitura” de uma sociedade. Pode-se assim perguntar: há valores universais do jovem de hoje? Há valores predominantes que influenciam a maneira pela qual os jovens de hoje se conduzem? Tentaremos responder a esta pergunta abordando, alguns elementos de reflexão, mas infelizmente, não há resposta conclusiva.

Com efeito os jovens não constituem uma categoria social homogénea. Toda a tentativa de generalização do tipo “os jovens são idealistas” ou “os jovens são materialistas” é, no melhor dos casos, uma projecção das percepções dos adultos, ou talvez, a expressão de alguém que troca os seus desejos por realidade e não uma constatação global que poderia ser confirmada pela pesquisa sociológica.

A saúde e os jovens

Segundo a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS), a saúde é um “estado de bem estar mental, físico e social completo e não somente a ausência de doença ou da enfermidade”²⁷.

Se na maior parte do países desenvolvidos e em muitos países em desenvolvimento “...a taxa de mortalidade dos 15-24 anos é relativamente baixa”²⁸ muitos problemas de saúde aparecem (em particular nas zonas ou comunidades mais pobres) “...a adolescência como sequelas de infecções e de uma desnutrição na infância: ciclos repetidos de doenças - diarreicas e respiratórias, tuberculose ou doenças cardíacas”²⁹.

- Os acidentes são a causa de 20 a mais de 60% dos falecimentos entre os jovens, com taxas geralmente mais elevadas entre pessoas jovens³⁰. “Os acidentes têm lugar na estrada, no local de trabalho, no desporto e em casa”. Se vários factores ligados aos comportamentos podem explicar os ferimentos do acidente, “é muitas vezes a combinação adquirida (pelos jovens) e de um ambiente perigoso que provoca as feridas”³¹.
- Comportamento sexual e de saúde da reprodução. Se o comportamento sexual - no quadro das normas aceites pela religião e a cultura de cada sociedade - é considerado como uma dimensão importante do ser humano e uma expressão do desenvolvimento da personalidade do indivíduo, preocupações maiores surgem por causa do aumento de “actividade sexual pré-nupcial entre os jovens” e das suas consequências possíveis tais como “as doenças sexualmente transmissíveis” (MST) ou a infecção pelo HIV que leva à SIDA” ou o risco de uma gravidez não desejada³².
- O uso do álcool. “No decurso dos últimos 30 a 40 anos, uma percentagem crescente de jovens começou a consumir bebidas alcoólicas; o consumo de álcool aumentou em quantidade e frequência, e idade a que o consumo de álcool, se atribui, começa a baixar. Os problemas ligados ao consumo de álcool aumenta na adolescência e são mais correntes entre rapazes jovens do que entre raparigas jovens. As distinções que separavam antes as culturas, os sexos e as classes sociais desaparecem quase tão bem nos países desenvolvidos como em vias de desenvolvimento, os jovens consomem e abusam cada vez mais do álcool”³³.
- O consumo de drogas. O risco de drogas, outrora “... restrito a um número relativamente limitado de zonas geográficas específicas tornou-se endémico em várias partes do mundo, particularmente entre jovens”. A idade média dos consumidores de droga baixou no decurso dos últimos anos e ...o consumo de várias drogas tornou-se mais corrente”³⁴. É preciso acrescentar “a injeção de drogas causou o novo risco mortal para a saúde da contaminação pelo HIV seguido da SIDA, pelo facto de as seringas serem emprestadas por pessoas infectadas”³⁵.

- Comportamento de suicídio. "...a taxa de suicídios parece aumentar entre os jovens muito mais do que em todos os outros níveis etários isto à escala universal, tanto nos países desenvolvidos, como nos países em desenvolvimento". "Na maior parte dos países, o suicídio vem logo a seguir aos acidentes como a causa maior de falecimentos entre os jovens". Os rapazes jovens suicidam-se mais frequentemente que as jovens raparigas que, todavia, tendem a suicidar-se com uma frequência maior" ³⁶. O rompimento das relações familiares normais as pressões devidas ao isolamento, a migração urbana, a competição intensa na escola e o desemprego, a dependência das drogas ou do álcool assim como a instabilidade mental foram consideradas como a causa essencial de suicídio entre os jovens. Todavia, parece mesmo que as taxas de suicídios estão ligadas à presença simultânea de vários destes factores ³⁷.
- Ferimento Intencional. "...a violência social parece aumentar de maneira dramática... As estatísticas dos homicídios constituem uma indicação da extensão dos actos de violência. Informações provenientes dos Estados Unidos são particularmente inquietantes, mostram que quatro a cinco jovens com menos de 18 anos são assassinados todos os dias e que 3 ou 4 são detidos por assassinio". "Os adolescentes estão duas vezes mais expostos do que os adultos às agressões e dez vezes mais que as pessoas idosas. Se estas estatísticas são particularmente elevadas, elas parecem reflectir uma tendência universal de subida" ³⁸.
- O consumo do tabaco. "O consumo do tabaco pelos jovens espalhou-se em todas as partes do mundo ...e aumenta nos países em vias de desenvolvimento particularmente entre as raparigas jovens". "Ao mesmo tempo, sinais evidentes mostram que está em diminuição nos países desenvolvidos que têm programas a longo prazo de controlo de utilização do tabaco" ³⁹. Sinais sensíveis indicam que aumentando o preço dos cigarros em 10%, os governos podem reduzir o consumo do tabaco cerca de 4% em média. Para os adolescentes, os que perdem mais com o consumo do tabaco, o sucesso desta estratégia é ainda maior: um aumento de 10% do custo dos cigarros reduz o consumo em cerca de 10% ⁴⁰.
- Comportamento alimentar. "De entre muitos dos países mais pobres do mundo, a desnutrição é o resultado de uma falta de acesso aos alimentos nutritivos, e não de um regime alimentar insuficientemente equilibrado". A alimentação tem um efeito profundo sobre a saúde geral. Assim, "a diminuição do conteúdo em gordura, açúcar e sal de muitos regimes alimentares "modernos" terá ...um impacto maior sobre as doenças cardiovasculares, a hipertensão e os diabetes" ⁴¹. "As preocupações respeitantes à obesidade são particularmente agudas na adolescência; isto é demonstrado pelo facto de que em certos países, a anorexia e bulímia nervosas prevalecem de maneira crescente entre as raparigas jovens" ⁴².

Tempos livres

Segundo trabalhos de pesquisa, duas tendências maiores aparecem: — comercialização crescente da cultura e divertimentos tornando-se mais passivos. Estas tendências do mesmo modo que a pressão do grupo produzem uma tendência para a conformidade, sendo certo que elas melhoraram a imagem do que é preciso fazer, das coisas à moda, que são "in". Os sociólogos chamaram "massificação" a esta tendência crescente à passividade e à conformidade. É preciso notar, contudo, que vários estudos à escala nacional indicam que a prática do desporto e da música são os passatempos favoritos dos jovens.

A sociedade de consumo. Muitas das tendências mencionadas mais atrás aparecem no contexto do que foi chamado “a sociedade de consumo”. Já chamámos à atenção dos outros para o desafio que ela representa para os jovens: para os do Norte favorecido (passividade e falta de criatividade) e para os do Sul que é pobre (modos de comportamento que não correspondem às capacidades dos países em satisfazê-las, mas criando assim frustração e ressentimento).

6. O escutismo para todos?

O retrato da juventude que acabámos de esboçar não tem mais do que o objectivo de ter uma ideia da população na qual o Movimento escutista faz o recrutamento. Excluindo a questão relativa à idade, o Movimento está aberto a todos, «*sem distinção de origem, de raça ou de credo*»⁴³. Infelizmente, é necessário reconhecer que o escutismo, apesar de todos os esforços, apesar de toda a diversidade de actividades que propõe aos jovens, não agrada a todos.

É mais uma questão de cultura de associação que dos princípios fundamentais (ver o módulo ESO 1005 *Princípios fundamentais do escutismo* para a definição destes conceitos). Toda a associação escutista tem com efeito o seu estilo, as suas tradições, as suas formas de funcionar... que não agradam a todos os jovens. Frequentemente é a imagem do escutismo que está em causa mais do que conteúdo dos seus programas.

Segundo diversas sondagens, o escutismo pode ser mais atraente quando apresenta aos jovens todas as actividades que eles poderão realizar; é um sinal de alarme quando os jovens ficam desiludidos e fazem caretas de descontentamento. Os jovens podem contudo rejeitar o escutismo porque eles:

- não gostam da ideia de usar um uniforme,
- recusam todo o enquadramento efectuado pelos adultos nas suas actividades de tempo livre,
- foram já escuteiros numa secção mais jovem e não apreciaram a experiência,
- vêem no escutismo uma imagem retrógrada um pouco pateta (má imagem do Movimento).

Outros porém poderão ter outras razões mais profundas:

- não têm tempo, ou não estão verdadeiramente disponíveis,
- estão em desacordo com os valores preconizados pelo Movimento,
- não gostam da vida em grupo,
- preferem as actividades menos populares do escutismo (por exemplo, as artes e a leitura).

Acolher os jovens «diferentes»

Não é fácil ser mais «aberto» do que seria necessário. Escutismo ou não, tem leis do comportamento social que se aplicam logo desde que um agrupamento é constituído. Quem se assemelha, associa-se, diz o provérbio. É muito mais fácil (e mais natural) constituir uma unidade escutista com jovens que têm já afinidades de língua, de religião ou de cultura, que recrutar jovens de proveniências diversas tentando que funcionem em conjunto.

Todavia, o Movimento escutista deverá estar em condições de acolher:

- os jovens deficientes (ver o módulo opcional ANI 1101, *Acolhimento e integração de jovens deficientes*),
- os jovens de religião não católica,
- os jovens de diversas etnias,
- os jovens autóctones,
- os jovens com dificuldade de aprendizagem,
- os jovens desfavorecidos ou de condição económica desfavorecida.

Uma unidade que se esforça por acolher um ou jovens «diferentes» constituem um conjunto «integrador». O jovem acolhido é chamado por seu lado a viver a difícil experiência de integração. É por isso que é difícil às unidades escutistas, constituídas em princípio, sob bases relativamente homogéneas, de acolher jovens diferentes. Por outro lado, o sucesso de todo o acolhimento de jovens diferentes reside em parte numa formação adequada dos animadores, a colaboração do meio (familiares, instituições locais) e uma certa continuidade.

A integração de jovens diferentes não deve residir numa experiência isolada. Não falamos da presença de um jovem numa ou duas reuniões, mas sim de uma real integração, ou seja de uma participação apoiada e de uma progressão escutista coroada se possível com uma passagem para a secção seguinte. Por outro lado, é desejável que a integração de um jovem diferente motive o acolhimento de outros jovens diferentes.

É necessário fazer esforços verdadeiros para aumentar a acessibilidade ao escutismo. Muitas vezes não existe sequer a necessidade de fundar de propósito uma unidade para uma categoria de jovens em particular. O escutismo pode encontrar os jovens no seu meio e os agrupamentos de escuteiros são convidados a elaborar políticas de apoio financeiro aos mais desfavorecidos. Este último ponto é importante, visto que é uma discriminação inaceitável a que diz respeito ao dinheiro. O escutismo, é uma das suas grandes vantagens, a de oferecer uma vasta gama de actividades pelo menor custo a todos os jovens.

7. Os jovens de hoje

Terminamos este módulo recordando o seu título para reafirmar a importância que todos os adultos deverão dar aos jovens no interior do Movimento.

A preocupação «jovens»

Uma organização que conta no seu conjunto com um “rácio” de um adulto por cada 8 jovens, considerando que existe uma certa proporção de adultos que ocupam funções de direcção aos diversos níveis terá por vezes a tendência de perder de vista o serviço fundamental aos jovens. Portanto, toda e qualquer decisão tomada no Movimento escutista, a qualquer nível que seja, tem um efeito sobre os jovens no final de contas.

Compete aos responsáveis avaliar este efeito para cada decisão. Qual será o efeito de tal atribuição orçamental no programa educativo? Qual será o efeito de tal nomeação? De uma nova abordagem em ma-

téria de formação? Da organização de um encontro de chefes de agrupamento? De uma reforma dos regulamentos gerais? De um novo procedimento administrativo? Da mudança de um artigo de uniforme?

A participação dos jovens nas decisões

Por outro lado, a preocupação jovens pode também traduzir-se por um aumento da participação dos jovens nas decisões que lhes dizem respeito, mas também nas que dizem respeito ao conjunto do Movimento. A Organização mundial do movimento Escutista incita todas as associações escutistas nacionais a promover a participação dos jovens nos órgãos deliberativos, em particular os jovens das secções mais velhas que estão em condições de melhor compreender a complexidade de certos problemas e de assim contribuir com o ponto de vista da sua geração nas discussões.

A pedagogia do projecto preconizada pelo Corpo Nacional de Escutas vai ao encontro desta preocupação. Ela privilegia e encoraja a participação dos jovens em todas as etapas dos projectos que eles desejam realizar. Porque é que esta pedagogia não é validada no conjunto dos projectos e actividades do Movimento?

Pedagogia

Tomar conhecimento de uma sondagem ou de um inquérito recente sobre a juventude e discutir os resultados em pequeno grupo de trabalho.

Elaborar um retrato sócio-económico dos jovens de uma unidade escutista.

Ler o capítulo sobre os valores na companhia de um grupo de jovens e solicitar que se pronunciem sobre o ouvirem ler.

Interrogar jovens não escuteiros (se possível crianças, depois adolescentes) sobre o escutismo: o que sabem eles sobre o Movimento? O que os poderá atrair? O que os poderá rejeitar?

Descobrir meios para facilitar a integração de um jovem diferente numa unidade (deficiente, jovem em dificuldade, jovem de proveniência ética diferente).

Notas

1. - Comité mondial des programmes, *Éléments pour un programme scout*, section IV, chapitre 1, Branches dans le Scoutisme, Bureau mondial du scoutisme, 1988.
2. - "Adultes dans le scoutisme", Bureau Mondial du Scoutisme, p. 19.
3. - Anónimo.
4. - Baden-Powell, Discurso de abertura da 8ª Conferência Internacional Escutista, Estocolmo, Agosto de 1935, citada por M. Sica, "O Rasto do Fundador".
5. - Jacques Moreillon, article "Adolescents in our society" in Young People's perception of Health and Health-Care", special session in World Health Organization Conference 1991, in journal of Adolescent Health, Volume 13, Numero 5, Julho 1992, p. 420-423 e Laire Huberman et Mai Tra Bach "Adolescents facing future: The Changing Role of Family and its Implications for Transmisssion of Values", Bureau Mondial du Scoutisme, Draft version, Maio 1990.
6. - "Raport Mondial sur l'éducation 1991", UNESCO, Paris, p. 16.
7. - "Raport Mondial sur l'éducation 1991", UNESCO, Paris, p. 83.
8. - Robert Perreault et Marie-Claire Laurendeau, article "Tele-Health", in "World Health", March 1989, p. 6-7.
9. - "Le Bilan du XXe siècle", Harenberg et Struye, Bruxelles, 1992, p. 116-117.
10. - Encadré "Déjà", l'emploi n'est plus ce qu'il était" Futuribles, No. 171, Dezembro 1992, p. 86.
11. - Encadré "Déjà", l'emploi n'est plus ce qu'il était", ibid.
12. - Eric Budry, article: "La crise fait fonder les effectifs des syndicates", Journal de Genève, 25 Fevereiro 1993, p. 24.
13. - "Management horizons" cite dans "Future Vision, the 189 most important trends of the 1990's, op. cit. p. 146.
14. - "Première" cite dans "Future Vision, the 189 most important trends of the 1990's, op. cit. p. 146.
15. - "La santé des jeunes", op. cit., p. 22.
16. - "La santé des jeunes", op. cit., p. 24.
17. - Booklet "The Health of Youth", Final Report of Technical Discussions, Maio 1989, World Health Organization, Geneva, Janeiro 1990, p. 16.
18. - Booklet "The Health of Youth", Final Report os Technical Discussions, Maio 1989, World Health Organization, Geneva, Janeiro 1990, p. 16.
19. - Jo Boyden with Pat Holden, "Children of the cities", op. cit., p. 50.
20. - "Le Bilan du XXe siècle", op. cit., p. 38.
21. - Paul Balta, article « L'échec de la transposition des modèles occidentaux dans les pays mulsumans a favorisé léssor de l'islamisme » in « Le nouveau Etat du Monde, Bilan de la décennie 1980-1990 », Ed. la Découverte, Paris 1990, p. 194-196.
22. - Mateo Jover, document « Tendances », Bureau Européen du Scoutisme, 1988, p. 12.
23. - AGAPE, F-2, 7 Fevereiro 1993.
24. - "Le Bilan du XXe siècle", op. cit., p. 39.
25. - "Le Bilan du XXe siècle", op. cit., p. 46.
26. - Jean Rémy, Cours de sociologie de la Religion, Université Catholique, Organisation Mondiale de la Santé, Genève, Março 1989, p. 8.
27. - « La santé des jeunes », Document de base des discussions techniques, Organisation Mondiale de la Santé, Genève, Março 1989, p. 8.
28. - "La santé des jeunes", op. cit., p. 15.
29. - "La santé des jeunes", op. cit., p. 14-15.
30. - "La santé des jeunes", op. cit., p. 15-16.
31. - "La santé des jeunes", op. cit., p. 29.
32. - "La santé des jeunes", op. cit., p. 20.
33. - "La santé des jeunes", op. cit., p. 22.
34. - "La santé des jeunes", op. cit., p. 24.

35. - "La santé des jeunes", op. cit., p. 22.
36. - "La santé des jeunes", op. cit., p. 25.
37. - "La santé des jeunes", op. cit., p. 28.
38. - "La santé des jeunes", op. cit., p. 28.
39. - "La santé des jeunes", op. cit., p. 31-32.
40. - Worldwatch Institute, article « The life-saving cigarette tax», in WAY Forum, October 1992, p. 41-42.
41. - "La santé des jeunes", op. cit., p. 30-31.
42. - "La santé des jeunes", op. cit., p. 31.
43. - Artigo 1.1 da Constituição mundial.

Fontes de Informação

Uma boa parte do conteúdo deste módulo é proveniente de um documento da Organização mundial do Movimento escutista intitulado *Tendências no mundo de hoje, como afectam a juventude, questões e desafios para o escutismo*, Bureau Mundial do Escutismo, 1994. Traduzido para português, edição do Corpo Nacional de Escutas, Março de 1996. ISBN 972-740-086-8.

Organização das Nações Unidas, *Convenção dos direitos da criança*, 1989.

Organização Mundial do Movimento Escutista, *Constituição e Regulamento adicional da Organização Mundial do Movimento Escutista*, Bureau Mundial do Escutismo.

"Os Jovens na Diocese de Coimbra. Quem são? Que interpelações lançam à Igreja". Gráfica de Coimbra, Julho de 2000.

Avaliação da Formação

O adulto em aprendizagem deve:

- Conhecer as idades limites que definem a "clientela" de jovens do Corpo Nacional de Escutas;
- Identificar no mínimo três fenómenos mundiais que tenham um efeito de relevo na juventude;
- Conhecer algumas características (no mínimo três) da situação das crianças/jovens em Portugal e na Diocese de Coimbra durante os anos 90;
- Animar um debate com jovens (escuteiros e não escuteiros) sobre os valores e o seu interesse para o escutismo;
- Enumerar as categorias de jovens «diferentes» e descrever um modo de facilitar a integração de um jovem «diferente» no seio de uma unidade;
- Examinar o processo verbal de uma reunião de um conselho de agrupamento e avaliar o efeito de cada decisão nos jovens do agrupamento.